

RESENHA

BROOKE, N. SOARES, J. F. (org). *Pesquisa em eficácia escolar: origens e trajetórias*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

Por Gabriela Schneider

Desde a década de 1960, estudos vêm mostrando que a origem socioeconômica dos alunos interfere no seu aprendizado, descaracterizando, muitas vezes, o papel da escola no desempenho estudantil. Porém, nos últimos anos, com a ampliação dos mecanismos de avaliação em larga escala em diversos países, se tem constatado que para além da influência familiar a escola também pode fazer a diferença no que se refere à qualidade da educação, o chamado efeito-escola.

Para discutir essas questões o livro **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias** traz uma coletânea de artigos que remontam aos primeiros estudos que comprovaram a influência da família até estudos que vêm apontando quais características escolares impactam mais no desempenho dos alunos, inclusive na América Latina. O livro conta com vinte e três textos, divididos em cinco seções que são precedidas por uma discussão dos organizadores sobre o tema. Importante dizer que eficácia escolar é considerada como a “[...] capacidade das escolas de produzirem efetivamente os resultados que a sociedade espera delas.” (SOARES; BROOKE, 2008, p. 20).

Iniciando o livro, Brooke e Soares apresentam a origem dos estudos do efeito escola a partir do Relatório Coleman. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos na década de 1960 – encomendado após a aprovação da Lei de Direitos Civis que queria analisar a diferença de atendimento educacional no país, constatou que a grande diferença no desempenho estudantil estava relacionada à origem socioeconômica do aluno e que a diferença entre as escolas era muito pequena. “[...] o Relatório Coleman passou a ser um marco na pesquisa sociológica, conseguindo também derrubar mitos e alterar para sempre o curso da pesquisa sobre educação”. (SOARES, BROOKE, 2008, p. 14).

Vários estudos seguiram os de Coleman, reforçando a ideia de que a escola não faz diferença. As pesquisas apresentadas nas primeiras sete leituras do livro vão mostrando que o background familiar, o tamanho da família e o contexto familiar influenciam mais significativamente na aprendizagem do que a própria escola e seus insumos.

Além disso, descobriu-se que a melhoria na qualidade das escolas públicas impacta mais na aprendizagem das minorias econômicas do que nas maiorias econômicas, mostrando que a pouca influência que se constatava da escola era mais significativa para os mais pobres.

Parece que variações nas instalações e currículos das escolas são responsáveis por relativamente pouca variação no desempenho do aluno, até o ponto em que isso pode ser medido por testes padronizados. Novamente, são os alunos brancos os menos afetados por essas variações; para as minorias essas variações de alguma maneira fazem diferença. (COLEMAN, 2008, p. 30).

Os resultados dessas pesquisas, feitas em várias partes do mundo, pareciam desmontar a lógica liberal de crença na educação escolar como equalizador de oportunidades, e acabavam retirando dela qualquer papel transformador. Mas, alguns pesquisadores já começavam a apontar os problemas desses estudos “A pesquisa é falha em muitos aspectos, [...] Os próprios pesquisadores eram frequentemente os primeiros a apontar falhas de seu trabalho. Entretanto, a questão central era se essas falhas eram suficientes para negar a aparente consistência dos resultados obtidos em numerosos estudos”. (MADAUS, AIRASIAN, KELLAGAN, 2008, p. 74).

Foi na década de 1970 que os estudos buscavam superar o estigma de que a escola não faz diferença, apresentado na seção dois do livro. Nessas pesquisas se afirmava haver um problema metodológico nos trabalhos feitos por Coleman e outros. O argumento pontuava que “Ao deixar de fora as características sociais e culturais da instituição, foram ignoradas as especificidades de cada escola na sua capacidade de converter os insumos em resultados relevantes”. (BROOKE, SOARES, 2008, p. 106).

As cinco leituras dessa seção vão mostrar que Coleman falhou ao fazer apenas uma análise direta entre insumo-resultado (input-output) sem analisar o que permeia essa relação, denominada de *processos escolares*. Esses estudos alertam para a necessidade de olhar o processo, escolher as variáveis adequadamente, bem como correlacionar as variáveis, uma vez que elas pensadas conjuntamente tem mais força no desempenho estudantil.

Além do que já foi considerado, aponta-se nessa seção o fato de que o insumo medido pode não estar relacionado ao resultado medido pelos testes padronizados, uma vez que estes não conseguem captar o desempenho em todas as suas dimensões.

Os resultados da educação escolar são muitos e vão além dos tipos de talentos e habilidades medidas nos testes padronizados de desempenho

e habilidade usados em praticamente todos os estudos e programas anteriores de eficácia escolar. Se acharmos, por exemplo, que não existe relação entre tamanho da turma e o desempenho ou habilidade medida do aluno, isso não significa que o tamanho da turma seja uma variável educacional sem importância. (MADAUS; AIRASIAN; KELLAGHAN, 2008, p. 114).

A seção em questão também apresenta alguns cuidados metodológicos que se deve ter ao realizar um estudo quantitativo, como apontam Soares e Brooke (2003), leitura indispensável para quem faz estudos quantitativos. Na leitura 10, por exemplo, os autores descrevem a metodologia e os cuidados que tiveram ao realizar um *survey* em escolas primárias, apontando que para perceber o efeito escola é preciso separar este dos efeitos da família.

Acrescentando diversas outras variáveis e analisando-as conjuntamente, os diversos estudos apresentados vão mostrar que apesar da família também ser um fator essencial no processo de ensino/aprendizagem

[...] para o progresso em leitura, redação e matemática podemos concluir que a escola é muito mais importante que as características do background dos alunos, tendo entre quatro a 10 vezes mais influência. Podemos concluir que as escolas realmente fazem diferença (MORTIMORE, et. al., 2008, p. 200).

Após a constatação da importância da escola frente ao desempenho estudantil, e que mesmo as instituições pertencendo ao mesmo sistema, recebendo o mesmo investimento, poderiam produzir resultados diferentes, começou-se a analisar o funcionamento de cada escola, o que fazia com que uma obtivesse sucesso e a outra fracassasse. A seção três apresenta esses estudos que vem trazendo indicações de como as escolas podem se tornar mais eficazes, quais são os *efeitos escola* que afetam ou não a aprendizagem. O efeito escola é entendido como “[...] o quanto um dado estabelecimento escolar, pelas suas políticas e práticas internas, acrescenta ao aprendizado do aluno” (SOARES; BROOKE, 2008, p. 10).

Diversos são os achados, alguns deles inovadores para a época, mostrando que alguns aspectos internos que regem a lógica de funcionamento da escola podem fazer a diferença para os alunos, dentre eles, os descobertos por Rutter e sua equipe:

O sistema de premiações (muitos estímulos e elogios) e punições; a criação de posições de responsabilidade para os alunos; a ênfase em trabalho acadêmico, (deveres de casa e objetivos acadêmicos claros); a liderança; os bons modelos de comportamento estabelecidos pelos

professores e o envolvimento dos professores nas decisões da escola. (SOARES; BROOKE, 2008, p. 219).

Nessas leituras se apresentam também algumas experiências de avaliações que acabaram mostrando uma variação na eficácia das escolas de ano para ano, mostrando que esse efeito não é linear. Aparece também uma crítica aos ranqueamentos das escolas, enfatizando que o papel das avaliações não deve ser esse. Outras características das instituições também foram apontadas como de escolas eficazes. Por exemplo, percebeu-se que escolas de tamanho moderado são as mais eficazes no ensino/aprendizagem de português e matemática e escolas de tamanho pequeno são mais equitativas. Apresentam-se também características que diferenciam escolas com baixo e alto rendimento.

A quarta seção, denominada usos e abusos da eficácia escolar, apresenta textos referentes a um novo período da pesquisa em eficácia escolar na Inglaterra, quando ela começa a servir de orientação às políticas em voga, o que não acontecia até então, diferentemente dos Estados Unidos onde a pesquisa já surgiu com essa característica.

Apresenta-se também nessa seção algumas características das escolas eficazes, em textos considerados oficiais porque destinados ao governo, visando um melhor entendimento das escolas, ou mesmo a definição de políticas. Outras leituras se seguem para criticar a ênfase que os pesquisadores dão à política educacional, esquecendo os critérios acadêmicos. Os textos vêm questionar a ligação da pesquisa com os interesses políticos, por vezes exigindo um rigor maior das pesquisas. “Pesquisadores da EE [eficácia escolar] fariam bem em reexaminar de perto sua relação com o governo e a elaboração de políticas em geral”. (GOLDSTEIN; WOODHOUSE, 2008, p. 417).

Alguns aspectos são fundamentais nessas leituras, pois elas percebem a escola como o ponto central da mudança, que deve servir como estímulo para as pesquisas brasileiras. “O que também deve chamar atenção do pesquisador brasileiro é o foco na escola como ponto de partida para os esforços de mudança. Há bastante tempo, a escola é vista, na Inglaterra e em outros países, como o lócus central da política de melhoramento.” (SOARES; BROOKE, 2008, p. 334).

Uma das leituras do texto também apresenta a discussão do melhoramento escolar em relação à eficácia escolar, sendo o primeiro definido como foco no processo, ou seja, no que acontece, enquanto no caso da eficácia escolar o foco é no resultado, ou seja, no que é. Aponta-se a necessidade de combinar as estratégias de melhoramento e de eficácia escolar com vistas a um melhor desenvolvimento da escola.

Segundo os autores, essas quatro seções, com 21 leituras “[...] tinham um caráter fundamentalmente didático. Assim, as ilustrações empíricas consideradas tinham a função de ilustrar os conceitos da pesquisa da eficácia escolar”. (SOARES; BROOKE, 2008, p. 460). A última seção, porém, vem apresentar a realidade da pesquisa em eficácia escolar na América Latina (AL), que ainda está se iniciando e tem como foco a qualidade da educação, haja vista que essa foi definida pela UNESCO como direito humano.

Os dois textos que compõem essa seção ilustram, inicialmente, o preconceito e a dificuldade em lidar com a pesquisa em eficácia escolar na América Latina. Mostra-se ainda a pouca tradição brasileira nesses estudos “Enquanto no cenário internacional, a literatura sobre esses temas tem uma longa trajetória, as publicações nacionais têm pouco mais de dez anos, constituindo, assim, um campo de pesquisa bastante recente.” (ALVES; FRANCO, 2008, p. 498).

Comenta-se também que a pesquisa em eficácia escolar na América Latina vem ganhando força e se utilizando dos dados produzidos pelos sistemas de avaliação. No Brasil, por exemplo, comentam-se o SAEB, o ENEM e outras avaliações, que apesar de estarem recebendo uma atenção maior por parte dos pesquisadores, ainda são alvos de diversas críticas e desconfianças. Na verdade, ainda há muito que se avançar no que se refere ao uso das pesquisas em eficácia escolar no Brasil, afinal

[...], já está consolidada a crença de que é possível identificar o que fazem as escolas mais eficazes e, em seguida, tornar estas características objeto de políticas públicas com vistas à sua melhoria. Isto poderia ser um desenvolvimento positivo, se não fosse o fato de que as políticas resultantes serão fruto da interpretação de resultados de sistemas educacionais dos países desenvolvidos. Sem a geração de conhecimentos locais através de pesquisa que considere as especificidades sociais, culturais e econômicas do Brasil, os gestores públicos correm o risco de chegarem a conclusões erradas ou transplantarem conclusões equivocadas.

Nesse sentido, considera-se que o presente livro, é uma leitura imprescindível aos pesquisadores e profissionais da área educacional, especialmente aqueles que se dedicam aos estudos quantitativos e que se interessam pelas políticas educacionais.